

BRECHAS PARA O RISO, O ESPANTO E O FANTÁSTICO NOS CADERNOS COTIDIANO, ILUSTRADA E PODER DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

Mila Goudet

Resumo

A seleção de matérias do jornal Folha de São Paulo em 2014 para composição deste artigo obedeceu o seguinte critério: as notícias teriam que fazer rir ou assombrar, ou as duas coisas. Este critério foi também uma estratégia para evitar leituras capturadas pelos tons apocalípticos, especulativos e tendenciosos que revestem os periódicos em tempos de acirramentos políticos, como os vividos no ano da pesquisa. Partimos do princípio que as realidades das nossas ruas são bem mais espantosas e complexas do que as notícias da primeira página de um jornal. Ao longo da pesquisa, percebemos com alegria que, apesar dos assuntos dominantes serem os de teor político-econômico, matérias sobre nossa riqueza cultural continuam presentes e em quantidade no jornal impresso. Podem ser encontradas, ainda que de forma vestigial, na diagramação das manchetes, nas imagens e nas matérias aninhadas nas periferias das páginas dos diversos cadernos. Através das teorias do barroco e mestiçagem desenvolvidas por Amálio Pinheiro e François Laplantine, alinhadas com ensaios e obras literárias de Alejo Carpentier e Jose Lezama Lima, desejamos dar visibilidade amplificada à imensa complexidade e riqueza cultural brasileira presentes de forma difusa no jornal impresso.

Introdução

... Mas que é a história de toda a América senão uma crônica do real maravilhoso?¹ (CARPENTIER:1969, 79)

Apesar do universo do jornal impresso ter um pendor à compressão e ao achatamento das notícias, obrigando os assuntos à superficialidade e à

¹ O Realismo Maravilhoso, que não deve ser confundido com uma projeção idílica, mas com um derramamento informacional explosivo, difícil de ser descrito ou classificado. Como ressalta Irlemar Chiampi (1980, p. 31 - 39), Carpentier cunha o termo “para designar, não as fantasias ou invenções do narrador, mas o conjunto de objetos e eventos reais que singularizam a América no contexto ocidental”.

bidimensionalidade, muitas vezes tendenciosa desta ou daquela inclinação política, o prazer da sua leitura e manuseio ainda é enorme. Porém, se ao folheá-lo, evitamos ou buscamos priorizar cadernos e/ou colunistas específicos, deixamos escapar as maiores delícias que só o leitor *flaneur*, aquele à deriva nas páginas, pode usufruir. Ler o jornal disposto ao acaso torna-se uma experiência reveladora de aspectos da nossa cultura que normalmente não passam na peneira dos nossos critérios mais eruditos. Mas é lá, nas periferias da página impressa que a cultura se refastela, longe dos cacoetes críticos e partidários. Ali a cultura se derrama, alcançando os imaginários mais atentos e também os mais distraídos.

Documentário é ficção

Na ocasião da edição de 2014 do festival internacional de audiovisual *É Tudo Verdade*, que premia anualmente documentários, o caderno Ilustrada² divulgou o filme brasileiro vencedor, *Homem Comum*, do diretor Carlos Nader. A chamada para a notícia foi diagramada da seguinte forma:

É TUDO VERDADE

Documentário é ficção, diz vencedor brasileiro de festival.

Para Carlos Nader, autor de “Homem Comum”, pessoas retratadas passam a ser personagens.

As palavras em destaque na manchete chamam atenção por aproximar alguns significados pertencentes ao universo do senso comum, que normalmente são tomados como opostos ou divergentes, mas que, nesta página do caderno Ilustrada, parecem formar um súbito sentido e unidade.

Em primeiro lugar lemos a expressão **É tudo verdade**, que neste caso tem a função de nomear e delimitar um campo de atuação do festival no amplo universo de gêneros de peças audiovisuais existentes.

A expressão, ao mesmo tempo que afirma que o gênero documentário caracteriza-se pela veracidade verificável do fato histórico que foi documentado – já que é tudo verdade -, também nos provoca a abrir o campo de discussão sobre o que pode ou não ser chamado de documentário, ou ainda, se é realmente possível que um documentário represente uma verdade efetivamente verificável.

² GRAGNANI, Juliana. É tudo verdade. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 14 de abril de 2014.

Assim como “navegar é preciso e viver não é preciso”, se “é tudo verdade”, é porque nada, de fato, pode ser creditado como totalmente verdadeiro, em qualquer campo artístico e principalmente na história.

Imediatamente percebemos que o desejo desse festival não pode ser a busca da verdade, mas, de alguma forma, este título tem sucesso em circunscrever, e, ao mesmo tempo, ampliar o campo explorado pelo gênero documentário.

Na sequência, o leitor depara-se com a afirmação do diretor premiado em negrito: Documentário é ficção.

Quando o jornal diagrama a matéria, colocando em destaque a afirmação de que “documentário é ficção”, logo abaixo de uma frase também em destaque, atestando que “é tudo verdade”, pode ser que o desejo da jornalista Juliana Gragnani tenha sido colocar à prova o senso comum de que um documentário deve conter em si uma carga de verdade incontestável, um extrato histórico comprovável.

Mesmo que esta matéria sobre *Homem Comum* e sobre seu diretor seja muito sucinta, falas de Nader selecionadas pela jornalista, tais como “as pessoas confundem documentário e realidade, mas documentário é um gênero artístico”, ou ainda “pessoas retratadas em filmes de gênero passam a ser personagens”³ confirmam o desejo de embaralhar as fronteiras entre documentário e ficção.

Em *Homem Comum*, o diretor acompanha a vida de um caminhoneiro paranaense por 20 anos e este recorte de tempo compartilhado entre documentarista e caminhoneiro faz com que diretor e personagem se modifiquem e troquem de papel durante este longo processo. Não resta como cerne da obra a diferenciação entre quem está sendo documentado e quem está documentando.

O diretor libera-se tanto da ideia de veracidade comprovável que, para montar seu documentário, utiliza cenas espontâneas, sacadas do cotidiano do caminhoneiro, compostas com outras tantas cenas ensaiadas, depoimentos, além da colagem de trechos de um filme norueguês⁴ pelo qual o diretor estava obcecado na época do início das filmagens, além de um remake realizado por ele de cenas deste mesmo filme norueguês, ao qual Nader adicionou diálogos não existentes na película original.

Desta forma, o diretor nos oferece o gênero documentário como um processo relacional, não linear, que não somente observa e capta os fenômenos da vida como também inaugura realidades. O que resulta é uma imagem final que não representa

³ *Ibidem*.

⁴ DREYER, Carl. *A Palavra*. Produção de Carl Dreyer, Copenhague, Palladium, 1955, 124 minutos.

nenhuma verdade histórica, mas sim a criação de “possibilidades histórico-poéticas”, termo emprestado de Irleamar Chiampi quando descreveu os procedimentos literários de Jose Lezama Lima para chegar à imagem magistral. Chiampi destaca que o interessante nas hipérboles semânticas elaboradas pelo autor é a brecha que ele encontra para transformar a História da América Latina em “crônica poetizável de imagens” (CHIAMPI:1988,124-5).

O procedimento literário de Lezama Lima consistia em montar hiperbolicamente “possibilidades histórico-poéticas” através de cascatas metafóricas que engastam fragmentos de imagens emprestadas e inventadas para no final obter o *esplendor formae*. A montagem dos fragmentos abre mão da narrativa linear e cronológica para friccionar imagens de universos próximos e distantes a fim de que, no calor de aproximações muito bem escolhidas, sejam produzidos os efeitos compositivos e imagéticos desejados. Este autor cubano constelava, em seu texto, relatos confirmáveis nos compêndios oficiais, citações de personagens históricos de outras temporalidades e geografias, anônimos, mitos e epopeias antigas. Enfim, sua literatura inclui um crisol de referências que, banhadas pela luminosidade impiedosa do Caribe, tornam qualquer realidade em ficção. Mas o mais importante, há algo que imanta as partes de modo que formulem uma unidade convincente. Seria o sol e a maresia? O tempo? A ilha de Cuba? A morte?

Carlos Nader, através da marchetaria de cenas ensaiadas, próprias do gênero ficcional, com cenas espontâneas e trechos de filmes existentes, faz transbordar o gênero documental, pois o diretor “molda os personagens segundo suas preocupações”.⁵ Nader amplia a voz de suas profundas inquietações quanto mais as aproxima das imagens da vida caminhoneiro, tornando sua obra mais humana. E, nesse ponto, o que vemos emergir desta complexa montagem, segundo Ignácio Araújo, é ... “um filme sobre a perda, a morte, a fé, a dor, a reprodução unidas pela imagem (a possibilidade de captação e preservação de vida pelo cinema)”.⁶

Histórias assustadoras do interior são base de “Animal”

Produção do GNT sobre homem que age como um puma estreia amanhã⁷.

⁵ ARAÚJO, Ignacio. Crítica: Discípulo de Coutinho faz longa original sobre perda, morte e fé. *Folha de São Paulo, Ilustrada*, 12 de abril de 2014.

⁶ *Idem*.

⁷ LIMA, Isabelle Moreira. Histórias assustadoras do interior são base de “Animal”. *Folha de São Paulo, Ilustrada*, 05 de agosto de 2014.

É que, devido à virgindade da paisagem, pela sua formação, ontologia, pela afortunada presença do índio e do negro, pela Revelação que constitui seu recente descobrimento, pelas fecundas mestiçagens que propiciou, que América ainda está muito longe de ter esgotado seu caudal de mitologias (CARPENTIER:1969, 79).

A notícia do dia 05 de agosto de 2014, publicada no caderno Ilustrada, trata da estreia de uma série televisiva chamada *Animal*, que foi exibida no canal de TV a cabo GNT. Não pode ser por acaso que Cristiana Oliveira foi escolhida como par romântico do protagonista Edson Celulari. A atriz foi consagrada por sua participação como o personagem “Juma”, na telenovela *Pantanal*⁸, em 1990. Nesta produção da extinta TV Manchete, “Juma”, além de inaugurar a presença do seminu na telinha, tinha o poder mágico de se transformar em onça.

Aproveitando-se desta memória do público, o diretor a transfere para o personagem de Celulari, que desta vez é quem tem uma característica sobrenatural, sofre de teriantropia, que na série é explicada como um distúrbio raro que faz com que o portador aja como um animal. No caso de Celulari, o animal personificado é outro felino, um puma.

Apesar da pouco significativa audiência alcançada por *Animal*, o que chama atenção é a recorrência de dons ou habilidades mágicas, representados de forma exagerada e muitas vezes cômica em personagens na teledramaturgia nacional e como tais personagens se instalam na memória coletiva do país.

Estes personagens são mais interessantes e aclamados quanto mais reúnem características paradoxais, como por exemplo personagens da emblemática telenovela *Saramandaia*⁹ (1976). Um deles, o pacato professor Aristóbulo (Ari Fontoura), encarna um lobisomem que faz de tudo para esconder este segredo, mas que exerce enorme atração sexual em D. Risoleta (Dina Sfat) justamente por seu lado selvagem revelado pela metamorfose. Ou ainda Marcina (Sônia Braga) que literalmente queima de desejo por José Gibão (Juca de Oliveira), personagem alado da telenovela.

⁸A novela *Pantana* foi escrita por Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Jayme Monjardim, Carlos Magalhães, Marcelo de Barreto e Roberto Naar. Foi produzida e exibida pela extinta Rede Manchete.

⁹*Saramandaia* foi uma telenovela de Dias Gomes, exibida na Rede Globo entre 3 de maio a 31 de dezembro de 1976, foi dirigida por Walter Avancini, Roberto Talma e Gonzaga Blota. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Saramandaia>, acessado em 25 de março de 2015.



Prof. Aristóbulo com sua D. Risoleta e metamorfoseado em Lobisomem.

Personagens mágicos são invariavelmente perseguidos por serem “diferentes”, mas as telenovelas nos recompensam com últimos capítulos apoteóticos, nos quais suas diferenças (que tomamos como nossas) são vitoriosamente reconhecidas.

O autor e diretor de *Animal*, Paulo Nascimento, afirma que “o interior tem histórias absurdas. Na cidade grande a vida fica meio disfarçada. Coisas bizarras acontecem, mas não afloram. Nas cidades pequenas são mais evidentes e assustadoras”.¹⁰ Realmente, em *Saramandaia*, *Pantanal* e *Animal*, as aventuras se passam no interior do país, em locais onde a presença da natureza, junto com seus mistérios e lendas, se faz mais evidente. No entanto, arriscamos dizer que os personagens mágicos são muitas vezes interioranos para facilitar a divisão em arquétipos reconhecíveis, facilmente identificáveis pelo público. Apesar destes clichês serem dominantes nas telenovelas, não é difícil comprovar que as grandes cidades também possuem assombros próprios, distribuídos em seus bairros e margens. Não é somente pela tradição oral das cidades menores que as lendas se perpetuam. Há nas metrópoles, certamente, maior dispersão das informações e meios de comunicação que concorrem com a oralidade, porém, a tendência à inclusão do sobrenatural no cotidiano não é exclusividade das pequenas cidades e sim um traço cultural da maior importância

¹⁰ NASCIMENTO, Paulo. In. LIMA, Isabelle Moreira. Histórias assustadoras do interior são base de “Animal”. *Folha de São Paulo, Ilustrada*, 05 de agosto de 2014.

para o continente latino-americano. Talvez Nascimento entenda esses aspectos ao dizer que não se coloca como realismo fantástico, mas que *Animal* foi resultado de “uma viagem das coisas que existem por aí”.

O diretor contou para a jornalista Isabelle Moreira Lima que pesquisou muito para realizar esta obra e que a investigação revelou outras tantas histórias surpreendentes que valeriam tramas paralelas. Entre elas, Nascimento cita uma comunidade de virgens que aguardam extraterrestres.

A despeito de qualquer veracidade, é cômico ler sobre esta comunidade de virgens à espera de extraterrestres – provavelmente para copularem e procriarem seres híbridos, mestiços intergalácticos – quando três parágrafos antes, a jornalista comenta que *Animal* é uma “...coprodução inédita com a nave mãe Globo”.¹¹

Poucos meses depois, o jornalista Fabio Pagotto editava, no caderno Cotidiano, umas dessas histórias deliciosamente inexplicáveis, só que desta vez ocorrida na cidade de São Paulo.

Após sonho, moradores da zona sul cavam buraco e acham água¹²

Acontece que muitos esquecem – disfarçados de magos fajutos – que o maravilhosos começa a sê-lo, de maneira inequívoca, quando surge uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, um destaque incomum ou singularmente favorecedor das inadvertidas riquezas da realidade, ou de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com particular intensidade, em virtude de uma exaltação do espírito que conduz até um tipo de *estado limite* (CARPENTIER:1985. XV).

Em meados de outubro de 2014, a crise do abastecimento de água no estado de São Paulo começava a mostrar suas verdadeiras dimensões. Moradores de bairros periféricos protagonizaram os primeiros sofrimentos pela falta do líquido vital até mesmo para as funções de higiene básicas. Contra essas adversidades, poços foram escavados e peregrinações até bicas e poços particulares foram organizadas pela

¹¹ LIMA, Isabelle Moreira. Histórias assustadoras do interior são base de “Animal”. *Folha de São Paulo, Ilustrada*, 05 de agosto de 2014.

¹² Manchete da reportagem de Fábio Pagotto. PAGOTTO, Fábio. Após sonho, moradores da zona sul cavam buraco e acham água. *Folha de São Paulo, Cotidiano*, 17 de outubro de 2014.

comunidade. Em meio a tanto infortúnio, a solução para o bairro Jardim Lourdes, na região do Jabaquara, veio através de um sonho. A história quem narra é o jornalista Fábio Pagotto, para a Folha de São Paulo.

David Ferreira de Britto, serralheiro, contou que sua cunhada, Andreia Rodrigues Ribeiro, ajudante de cozinha “... tinha sonhado com um regato saindo de duas nuvens no céu e caindo no bananal que tem aqui perto”¹³. Ele e seu irmão, Anderson, marido de Andreia, foram ao bananal e cavaram no local indicado pelo sonho. Removeram com pouco esforço um pouco de terra e a já água brotou. Fizeram melhorias no poço e “a vizinhança veio com baldes. Foi um milagre que salvou a comunidade”¹⁴, disse Andreia.



Crédito da imagem: Rivaldo Gomes/FOLHAPRESS

A matéria do jornal, ao invés de fazer uma reportagem do gênero denúncia a respeito do crescente descaso do Estado para com as questões da água, nos delicia com a alegria de um milagre, um socorro divino, mais um elemento mágico para nos vingar dos infortúnios e injustiças da vida.

Claro que, em seguida, a matéria escalou “os especialistas” desaconselhando o uso desta água milagrosa pelo alto risco de contaminação e transmissão de doenças. Apesar dos moradores terem tido o cuidado de ferver a água antes de usar, o jornalista esclarece que o perigo de contaminação por agentes químicos não é eliminado na

¹³ *Idem.*

¹⁴ *Ibidem.*

fervura. Mas o milagre já estava consumado e esperamos que, com mais uma ajudinha do sobrenatural, essa água há de ser maravilhosa.

Historiadora examina sobrenatural no país

Do outro lado, de Mary del Priore, recolhe histórias de bruxaria, exorcismos, “mesas volantes” e casas mal-assombradas¹⁵

Marco Polo admitia a existência de aves que voavam carregando elefantes nas garras, e Lutero viu o demônio de frente, em cuja cabeça atirou um tinteiro. Victor Hugo, tão explorado pelos colecionadores de livros sobre o maravilhoso, acreditava em aparições, porque estava seguro de ter falado, em Guernesey, com o fantasma de Leopoldina. Para Van Gogh, bastava ter fé no girassol para fixa-lo numa tela (CARPENTIER:1985, XVIII).

O livro de Mary del Priore intitulado *Do outro Lado - A história do sobrenatural do espiritismo* (2014) coleta e comenta histórias sobre os mistérios da vida após a morte, disseminadas em publicações em livros e imprensa do país entre meados do século XIX e começo do século XX. Segundo a autora, estes temas exercem um grande fascínio junto à população em geral, embora desvalorizados pela comunidade acadêmica, que não aprofunda tais assuntos. Del Priore percebeu essa lacuna e desistiu de sua carreira como professora para dedicar-se a estas “história menores”, de caráter anônimo, às margens dos registros oficiais.

Não é esperado que Del Priore tenha sido capaz de juntar provas irrefutáveis afirmando a existência de algo após a morte e de que seja possível a comunicação entre o “lado de cá” e o “lado de lá”, caso este exista. Mas a autora aproveita para observar e delinear os modos brasileiros de lidar com o mistério, com o inexplicável e com a morte.

Se por um lado a comunidade acadêmica parece esnobar tais assuntos mais “baixos”, a autora percebe neles um traço muito importante da nossa cultura – a tendência em borrar as separações entre classes sociais quando se trata de alguns temas, dentre eles o misticismo e o mistério. Del Priore dispara: “As crenças funcionam como uma forma de terapia social. Figuras como pais de santo, cartomantes, adivinhos e

¹⁵ Manchete da reportagem do Jornal Folha de São Paulo, Ilustrada, data: 13 de setembro de 2014.

líderes espirituais são curadores da alma. No Brasil, esse sempre foi um campo de confluência entre as classes. O crer se torna um verbo conjugado por todos”¹⁶.

O livro traz relatos saborosos, entre eles o caso do Doutor Dornelas, recuperado de Gilberto Freire pela autora.

Doutor Dornelas, médico, negro, desfilava por Recife do século XIX com roupas muito elegantes, quando, ao passar sob um terraço de um sobrado distinto, sentiu uma cusparada na cartola. A autora da cusparada foi Dona Iaiá, branca e inconformada com a ousadia do negro em desfilar trajes, segundo ela, impróprios para sua raça. O Doutor, ao examinar o cuspe a olho nu, teria dito “Coitada de Iaiá! Tuberculosa. Não tem um ano de vida”. Meses depois, a moça morreu em decorrência da doença.

Esse episódio dotou o Doutor Dornelas, subitamente, de um dom sobrenatural, para além de seus dotes médicos. Ou teria sido um mau olhado de negro? Após a sua morte, o doutor passou a ser evocado como espírito em situações de saúde difíceis. O episódio devolveu, mesmo que involuntariamente, o Dornelas, antes inserido na sociedade “civilizada”, para seu manancial “original” de religiosidade pagã, primitiva, trasladada da distante África através do seu sangue. Não fosse o doutor um negro, talvez o caso não tivesse sido tão interessante para a população.

Outro aspecto relevante que a matéria da Folha destacou foi a relação que a autora fez entre o espiritismo e a tecnologia. Del Priore percebe que o século XIX foi, ao mesmo tempo, uma época de grande avanço tecnológico (o telegrafo, o telefone, o bonde e a fotografia), mas também um período de efervescência de experiências sobrenaturais, que atraíam tanto pessoas comuns como intelectuais famosos na época.

A fotografia e telégrafo elétrico, aparatos da racionalidade técnica por excelência, foram apropriados pela cultura popular para fins nada racionais, como por exemplo, estabelecer contato entre vivos e mortos.

Sobre esta relação entre o sobrenatural e tecnologia, a matéria cita conversão do escritor Coelho Neto (1864-1934) ao espiritismo, depois de presenciar uma conversa telefônica entre sua filha Julia e a netinha, Ester, morta precocemente¹⁷.

¹⁶ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/as-varias-faces-do-outro-lado-13853603#ixzz3V40Pnhsl>, acessado em 21/03/2015

¹⁷ A íntegra da entrevista que o escritor concedeu ao Jornal do Brasil em 07/07/1923 está disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/a-conversao-de-coelho-neto.html> acessado em 21/03/2015.

Sabes que, depois da morte da pequenina Ester, que era o nosso enlevo, a vida tornou-se sombria. A casa, dantes alegre com o riso cristalino da criança, mudou-se em jazigo melancólico de saudade. Passei a viver entre sombras lamentosas. Minha mulher, para quem a netinha era tudo, não fazia outra coisa senão evocá-la, reunindo lembranças: roupas que ela vestira, brinquedos que a acompanharam até a última hora, entre os quais a boneca, que foi com ela para a cova, porque a pobrezinha não a deixou até expirar. Júlia... coitada! Nem sei como resistiu a tão fundos desgostos; seis meses depois do marido, a filha.¹⁸

A mãe da criança não conseguia se reabilitar, retomar a vida. Coelho Neto preocupava-se com seu estado psicológico. Uma noite, a mulher do escritor entra em seu escritório chorando, dizendo que Julia enlouquecera de vez, que estava ao telefone falando com Ester, a filha morta. Ele, incrédulo, decide pegar na extensão do telefone existente em seu escritório e o relato seguiu assim:

Ouvi, meu amigo. Ouvi minha neta. Reconheci-lhe a voz, a doce voz, que era a música da minha casa... Mas não foi a voz que me impressionou, que me fez sorrir e chorar, senão o que ela dizia.

Ainda que eu duvidasse, com toda a minha incredulidade, havia de convencer-me, tais eram as referências, as alusões que a pequenina voz do Além fazia a fatos, incidentes da vida que conosco vivera o corpo do qual ela fora o som.

E o entrevistador do jornal Brasil faz uma pergunta racional ao escritor, que a responde na sequência.

- Ouviste-a ao telefone... E por que não a ouves no ar, como a ouviu... São Paulo, por exemplo?

- Por quê? Porque o espírito precisa de um meio em que se demonstre. Para viver conosco, encarna-se. O próprio Espírito de Jesus encarnou-se. O lume precisa de um combustível para arder e o lume é luz, eternidade: o som precisa de um órgão para vibrar. Todo o imaterial carece de um veículo para agir.¹⁹

¹⁸ Trecho da entrevista de Coelho Neto ao Jornal do Brasil em 07/07/1923. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/a-conversao-de-coelho-neto.html> acessado em 21/03/2015.

¹⁹ *Idem.*

Apesar da surpresa e da comoção que o depoimento alcança, este estreitamento relacional, aparentemente fantástico, entre um aparelho de telefone e uma “alma penada” faz parte da grande aptidão do continente latino-americano em friccionar o alto e o baixo, o sagrado e o profano, o material e o imaterial em procedimentos culturais barroquizantes.

Coelho Neto traduz sua epifania barroca, conseguindo aproximar o finito do infinito, o vivo do morto, percebendo que certas fronteiras divisoras não fazem sentido diante da grande revelação.

[...] Ouvi toda a conversa e compreendi que nos estamos aproximando da grande era; que os tempos se atraem - o finito defronta o infinito, e das fronteiras que os separam, as almas já se comunicam.²⁰

A autora do livro, ao escolher temas “menores”, como o sobrenatural, alivia a história oficial de ser o irradiador único das nossas narrativas, confirmando que a cultura provê fontes vindas das mais diversas camadas civilizacionais, de suas também diversas temporalidades, que aparecem entrelaçadas no cotidiano - nos modos de cantar, de escrever, de comer, de festejar, de rezar, e porque não, de invocar nossos mortos. O residual histórico, o anônimo e o popular constituem o manancial do latino-americano na constituição da sua riqueza cultural proliferante e compositiva.

A COPA COMO ELA É Índio fere PM com flechada em ato anti-Copa em Brasília.²¹

O (assombro) de Colombo diante da América beira frequentemente o delírio: quando se aproxima da desembocadura do Orenoco pensa que descobriu um dos rios que vêm do paraíso;

... Por sua vez, os índios não entendiam esse animal centáurico composto por homem e cavalo; maravilharam-se quando um conquistador desceu de sua cavalgadura: um ser que se divide em dois!

...Pois bem: esse assombro recíproco é o ovo de onde sairá a cultura latino-americana, toda sua arte criativa (MORENO: 1972, XX, XXI)²².

²⁰ *Ibidem*.

²¹ TALENTO, Aguirre; COUTINHO, Filipe; GUERREIRO, Gabriela; LEITÃO, Matheus; NUBLAT, Johanna. A Copa como ela é Índio fere PM com flechada em ato anti-Copa em Brasília. *Folha de São Paulo, Poder*, 28 de maio de 2014.

No primeiro semestre de 2014, o país viveu uma onda de protestos anti-Copa do Mundo, reunindo nas ruas grupos manifestando as mais diversas reivindicações e opiniões. Uma destas manifestações, ocorrida em 27 de maio de 2014 na capital federal, aproveitou-se do evento da abertura da visita pública à taça do Mundial no estádio Mané Garrincha para protestar contra a realização do Mundial. Reuniram-se o *Comitê Copa Pra Quem*, movimento pró-moradia *MTSTC* e também um grupo de índios, que foi à Brasília para cobrar a prometida demarcação de terras e acabou se juntando aos outros grupos.

A matéria publicada no caderno Poder, da Folha de São Paulo, do dia 28 de maio de 2014, exhibe uma foto sobre um momento desta manifestação que parece sacada dos tempos das grandes navegações. A imagem é de um índio pronto para disparar uma flecha em direção ao policial do Batalhão da Cavalaria.



Crédito da imagem: Joedson Alves, da agência REUTERS.

Segundo a matéria da Folha de São Paulo, a passeata estava pacífica até o momento em que índios e policiais se viram frente a frente. A cavalaria interpôs-se entre os manifestantes para impedi-los de chegar ao estádio. Os índios vinham à frente da multidão de cerca de mil pessoas.

²² Introdução do autor para o livro *América Latina em sua Literatura*, patrocinado pela UNESCO.

“A cavalaria chegou na frente e não paramos. Os cavalos se assustaram e vieram as bombas”, disse o cacique Marcos Xupuru.²³

Foi nesse momento que o Cabo Cleber José Ferreira foi atingido por uma flechada na perna esquerda.

O que não se imaginava possível, aconteceu. A corda tensa do arco se afrouxou e uma lança fez seu voo. Um índio voltou a usar uma arma de guerra contra um branco, em pleno século XXI.

Em depoimento para O Globo, o cacique Marcos Xukuru esclarece que o arco e a flecha são, atualmente, objetos que fazem parte apenas dos rituais, assim como os maracás. “Usamos os maracás para invocar nossos espíritos de proteção, para que eles nos protejam e ajudem. Os cavalos se agitaram, e a Tropa de Choque começou a atirar. Até agora não sabemos quem disparou a flecha”.²⁴

A foto traduz a insubmissão latino-americana à linearidade temporal, à sucessão cronológica em suas narrativas históricas, além do caráter anônimo de uma ação coletiva... afinal, interessa mesmo quem disparou a flecha?

Em meio à saturação dos meios de comunicação, é possível, nessa imagem, ver o barroco operar como insurgência porque atua na tensão entre o sofisticado e o primitivo, entre o pensamento dominante e o periférico. E esta tensão funciona como elemento viscoso que impede o discurso político-econômico dominante de se fixar como coordenador exclusivo dos sistemas culturais. É traço fundante e constitutivo da nossa cultura o caráter atemporal da paisagem americana.

Estrangeiros e artistas nacionais testemunham inúmeros relatos literários e artísticos em resposta ao espanto diante dos transbordamentos do real que saturam nosso cotidiano. Alguns destes relatos literários e visuais nos ajudam a recuperar o estranhamento, a retomar a consciência do teor fantástico das ruas, do emaranhado de simultaneidades paradoxais. Camus, em visita a Iguape, cidade colonial no litoral sul do estado de São Paulo, traduz sua dificuldade e desconforto diante da paisagem brasileira, não sabe como lidar com tanta variedade:

²³ TALENTO, Aguirre; COUTINHO, Filipe; GUERREIRO, Gabriela; LEITÃO, Matheus; NUBLAT, Johanna. A Copa como ela é Índio fere PM com flechada em ato anti-Copa em Brasília. *Folha de São Paulo, Poder*, 28 de maio de 2014.

²⁴ Depoimento do cacique Xukuru cedido ao jornal O Globo, disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/arco-flecha-arma-branca-ou-simbolo-cultural-12641686>, acessado em 21/03/2014

País em que as estações se confundem umas com as outras; onde a vegetação inextricável torna-se disforme; onde os sangues misturam-se a tal ponto que a alma perdeu seus limites. Um marulhar pesado, a luz esverdeada das florestas, o verniz da poeira vermelha que cobre todas as coisas, o tempo que se derrete, a lentidão da vida rural, a excitação breve e insensata das grandes cidades – é o país da indiferença e da exaltação. Não adianta o arranha-céu, ele ainda não conseguiu vencer o espírito da floresta, a imensidão, a melancolia. São os sambas, os verdadeiros, que exprimem melhor o que quero dizer²⁵. (CAMUS, 1978, p. 132 - 133)

Em determinados momentos da história humana, algumas sociedades tendem ao universalismo e, diante de tensões tais quais as vivenciadas nesta passeata, o sujeito pode romper seus limites de suportabilidade. Em meio o assombro, acaba empreendendo uma cruzada contra a diferença ou mantém distâncias fóbicas daquilo que não compreende. São momentos preocupantes, com maior tendência às traduções unívocas e identitárias, nos quais as pessoas temem profundamente a perda de unidade interna.

Porém, ao mesmo tempo em que há claras e abundantes notícias binarizantes estampadas nos jornais, Laplantine ([s/d], p. 84 - 85) nos inspira a uma leitura menos catastrofista, buscando nas matérias os indícios da nosso caudaloso material cultural escondidos nas fronteiras entre o escrito e o omitido, entre a manchete e a foto. Para o autor francês, na América Latina o confronto entre sistemas divergentes não criam sempre fronteiras segregadoras, mas ambientes propícios para a mestiçagem cultural e para as inclusões complexas. Claro que o confronto nunca é pacífico, mas é na fricção dos discursos oficiais com os “estados menores” (Deleuze) que nos exercemos plenamente, sem descanso, pois “*lo desconecido es casi nuestra única tradición*” (Lima: 1971, 35).

Mila Goudet é doutora em Comunicação e Semiótica e mestre em Psicologia Clínica no Núcleo de Subjetividades Contemporâneas pela PUC – SP, graduada em Arquitetura e Urbanismo na Escola de Engenharia de São Carlos - USP.
milagoudet@gmail.com

²⁵ Albert Camus, em visita ao Brasil, volta de uma viagem de carro a Iguape, litoral sul de São Paulo, com Oswald de Andrade em 1949.

Bibliografia

CAMUS, Albert. *Diário de viagem: a visita de Camus ao Brasil*. São Paulo: Editora Record, 1978. Trad. de Valerie R. Chaves.

CARPENTIER, Alejo. *Literatura & consciência política na América Latina*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda.: 1969. Trad. Manuel J. Palmerim.

_____. *O reino deste mundo*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A:1985.

CHIAMPI, Irleamar. “A História tecida pela imagem”. In: *A Expressão Americana*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988. Trad. de Irleamar Chiampi.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. Trad. de Eloisa A. Ribeiro.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. *A mestiçagem*. Lisboa: Instituto Piaget, [s/d].

_____; OLIEVENSTEIN, Claude. *Um olhar francês sobre São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. Trad. de Maria C. Cunha.

LIMA, Lezama Jose. *Las eras imaginárias*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1971.

_____. *A expressão Americana*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988. Trad. introdução e notas de Irleamar Chiampi.

MORENO, César Fernandez (Org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

PINHEIRO, Amálio. *Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça*. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.

_____. Org. *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

Webografia

O Homem Comum

Matéria sobre o documentário:

<http://projeto399filmes.blogspot.com.br/2014/10/homem-comum-de-carlos-nader.html>.

Acessado em 16/03/2015;

Trailer do doc. *Homem Comum*:

https://www.youtube.com/watch?v=T8_K5t7D1YY&spfreload=10. Acessado em 16/03/2015;

Crítica de Ignácio Araújo Folha:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/04/1439702-critica-discipulo-de-coutinho-faz-longa-original-sobre-perda-morte-e-fe.shtml>. Acessado em 16/03/2015;

Trovoada, curta de Carlos Nader: <https://www.youtube.com/watch?v=V6eWHgSecU>. Acessado em 16/03/2015;

Entrevista com Carlos Nader: <https://www.youtube.com/watch?v=16K2S4KYor4>. Acessado em 16/03/2015;

Site do festival internacional de cinema É Tudo Verdade:

<http://www.etudoverdade.com.br/br/home/>. Acessado em 16/03/2015;

Documentário e seu público, Teresa Noll Trindade:

http://www3.usp.br/rumores/artigos2.asp?cod_atual=180. Acessado em 16/03/2015;

Sobre o gênero documentário:

http://www.iar.unicamp.br/docentes/fernaoramos/o_que_e_documentario.pdf. Acessado em 16/03/2015

Animal

Sobre a novela *Pantanal*: <http://www.macamp.com.br/variedades/NovelaPantanal.htm>. Acessado em 20/03/2015;

Metamorfose em onça, abertura da novela *Pantanal*:

<https://www.youtube.com/watch?v=hfth1z2rHB8>. Acessado em 20/03/2015;

Notícias sobre a série televisiva *Animal*:

<http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2014/09/24/globosat-cancela-a-serie-animal-estrelada-por-edson-celulari-no-gnt-80247.php>. Acessado em 20/03/2015;

Sobre a novela *Saramandaia*:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Saramandaia>. Acessado em 26/03/2015.

Sobre professor Aristóbulo, em *Saramandaia*:

<https://www.youtube.com/watch?v=euJmGDeD2aE>. Acessado em 26/03/2015.

Sobre o voo de João Gibão, em *Saramandaia*, 1976: <http://globotv.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/saramandaia-1a-versao-voo-de-joao-gibao/2472998/>. Acessado em 26/03/2015.

Sobre Marcina queimar de desejo em *Saramandaia*, 1976:

<https://www.youtube.com/watch?v=gwDSOLGDtp8>. Acessado em 26/03/2015.

Do outro lado

Matéria sobre o livro *Do Outro Lado*: <http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/as-varias-faces-do-outro-lado-13853603#ixzz3V3zDnLIs>. Acessada em 21/03/2015;

A conversão de Coelho Neto:

<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/a-conversao-de-coelho-neto.html>. Acessada em 21/03/2015;

Sobre o episódio do Doutor Dornelas:

<http://historiahoje.com/?p=4045>. Acessada em 21/03/2015;

Índio fere PM

<http://oglobo.globo.com/brasil/arco-flecha-arma-branca-ou-simbolo-cultural-12641686>. Acessada em 21/03/2014.